

TRABALHO DE CAMPO: PARA ONDE VÃO NOSSAS CIDADES?

Rodrigo Fernandes Silva
rodrigo.silva@ige.unicamp.br
Instituto de Geociências da UNICAMP

Introdução

A presente proposta de trabalho de campo vem no sentido de nos possibilitar uma leitura atual do espaço como acumulação desigual de tempos, proposta por Milton Santos (1978), à luz do *território usado*, tendo o conjunto de objetos geográficos e ações sociais, apreendidos de forma sistêmica e indissociáveis (SANTOS, 1988).

Papel didático dos trabalhos de campo

Grosso modo, o *trabalho científico* é composto por duas etapas básicas: o trabalho de laboratório (análise teórica, funcional e processual) e o trabalho de campo (análise estrutural e formal). Para algumas ciências, o papel do campo é quase desprezível, concentrando-se na análise laboratorial. Na Geografia, entretanto, o trabalho de campo é um poderoso instrumento de *percepção da realidade concreta* e de *coleta de dados*, nos possibilitando o entendimento das conexões espaciais, inimagináveis previamente em laboratório.

Dessa maneira, a visita técnica ou o trabalho de campo relaciona o entendimento empírico com o teórico, criando uma ponte entre o conhecimento geográfico e os fixos estruturantes do espaço. Interligando o mundo dos objetos, seus conteúdos históricos temporais e seu papel na *formação sócio espacial* (SANTOS, 2005).

Motivação

David Harvey, em *O novo imperialismo* (2011), chama de *geografia histórica do capitalismo* o relacionamento da introdução, ao longo do tempo, de infraestruturas nos espaços. Isso nos indica que o “espaço é acumulação desigual de tempos” (SANTOS, 1978). Um receptáculo da história, passível de ser capturado através dessa Geografia histórica.

Em teoria, sabemos que os objetos velhos propõem novos, assim como as formas antigas propõem formas novas. Metodologicamente, iniciado o processo de extração do *mais valor*, ele vai requerer novas formas de apropriação.

Nesse sentido, concordamos com a ideia de Harvey, citada por Antônio Carlos Robert de Moraes e Wanderley Messias da Costa (1984, p. 180), de que “a cidade é um teatro e cada lote urbano uma poltrona; quem chega por último ocupa os piores lugares”.

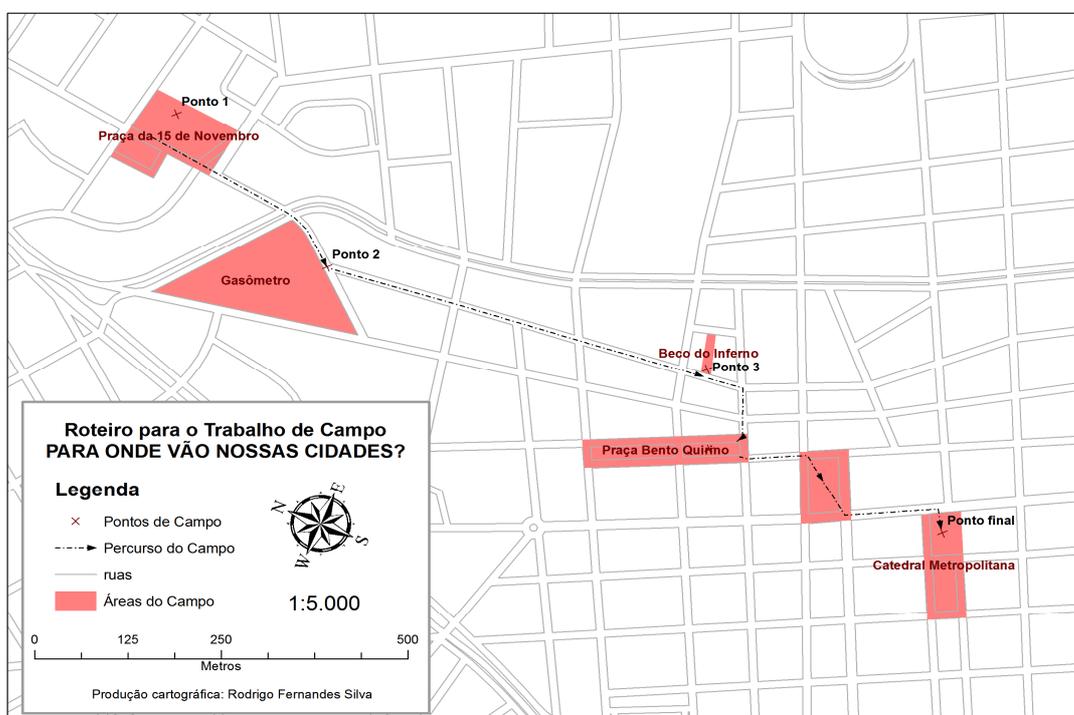
Abaixo seguem alguns eventos que nos ajudam a reconhecer a arrumação e especialização regional de Campinas:

- Década de 1670/80** – Abertura dos primeiros caminhos do sertão, por Bartolomeu Bueno da Silva (Anhangüera Pai).
- 1720** – Coroa ordena a abertura dos caminhos das Minas Gerais e de Goiás (Governo de D. Rodrigo César de Menezes).
- 1739** – Chegada de Barreto Leme (IBGE, 2011).
- 1775** – Construção da Igreja “provisória” e fundação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiá (IBGE, 2011).
- 1797** – Instalação do Pelourinho, Fundação do Rócio Municipal e elevação da freguesia à Vila de São Carlos.
- 1809** – Revolta quilombola (REIS, 1995).
- 1832** – Revolta quilombola e Devassa nos quilombos de Campinas (REIS, 1995).
- 1842** – Mudança do pelourinho para o Largo São Benedito, Revolta Liberal, Revolta da Venda Grande e desmembramento da Cidade de Campinas.
- 1875** – Chegada da *Estrada de Ferro São Paulo Railway* e criação da *Estação Agrônômica*
- 1882** – Revolta negra na Fazenda Castelo (REIS, 1995)
- 1896** – Criado e anexado o Distrito de Valinhos, à cidade de Campinas, e criado os distritos de Arraial do Sousas
- 1904** – Criação do Distrito de Americana
- 1906** – Construção da Estrada de Ferro Funilense
- 1942** – Instalação da Rhodia S/A. na fazenda São Bento.
- 1924** – Americana se desmembra de Campinas
- 1965** – Paulínia se desmembra de Campinas
- 1966** – Instalação da Refinaria do Planalto (REPLAN) e Fundação da UNICAMP.

Proposta de roteiro para prática de campo na cidade de Campinas - SP

O objetivo desta atividade é gerar a percepção de que podemos apreender, na paisagem, diversas formas e estruturas criadas a cada período por distintos grupos de pessoas. Buscamos, de modo geral, compreender como se deu o processo de ocupação antes e após a instalação da Estrada de Ferro São Paulo Railway e da Estação Agronômica, em 1875.

O roteiro baseia-se no elenco de pontos a serem percorridos em campo. Partindo da Unicamp, rumo à Praça 15 de Novembro, junto à Rua Major Solon. Ao todo, o percurso tem aproximadamente 1400 metros.



Ponto 1 – Praça da 15 de Novembro: Um dos campinhos que deram origem ao nome da Cidade e Primeiro Pelourinho (seguiremos posteriormente pela Major Solon até o antigo Gasômetro, atual CPFL, esquina com a Av. Anchieta)

Ponto 2 – Gasômetro: estrutura urbana e arruamento do Período Colonial: Rua de Cima (Rua Barão de Jaguará), do Meio (Rua Dr. Quirino) e de Baixo (Rua Luzitana). (seguindo pela Rua Luzitana, até o Beco do Inferno)

Ponto 3 – Beco do Inferno: antiga periferia do Rócio municipal, no período da Vila de São Carlos. (segue pela Rua Benjamim Constant, até a Praça Bento Quirino, antigo Rócio Municipal)

Ponto 4 – Praça Bento Quirino: área de instalação do pelourinho e marco do arruamento da cidade. (segue pela Rua Barão de Jaguará, até o largo do Rosário, e pela Av. Francisco Glicério, até a Catedral Metropolitana)

Ponto Final – Catedral Metropolitana: eixo e arruamento estruturado após a instalação da São Paulo Railway.

Bibliografia

- SANTOS, Antônio da Costa. *"Campinas, das origens ao futuro : compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí"*. Campinas: UNICAMP, 2002.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: Hucitec e Edusp, 1978.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, Milton. *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método*. In: "Da totalidade ao lugar". São Paulo: Ed. USP, 2005.
- HARVEY, David. *O novo imperialismo*. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- REIS, João José. *Quilombos e revoltas escravas no Brasil: "Nos achamos em campo a tratar da liberdade"*. In: *Revista USP*; Dezembro/Fevereiro 95/96. São Paulo, USP, 1995.
- MORAES, A. C. R. de, COSTA, W. M. da. *Geografia Crítica: A valorização do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1984.